

Entrevista

Histórias em negrito: uma entrevista com a Dra. Martha Rosa Figueira Queiroz

Bold Histories: an interview with professor Martha Rosa Figueira Queiroz

Ana Flávia Cernic Ramos

*Doutora em História
Professora da Universidade Federal de Uberlândia
afcramos@yahoo.com.br*

Ana Flávia Magalhães Pinto

*Doutora em História
Professora da Universidade de Brasília
anaflaviahist@gmail.com*

Resumo: Entrevista com a historiadora Martha Rosa Figueira Queiroz.

Palavras-chave: Imprensa negra, movimento negro, intelectuais.

Abstract: Interview with historian Martha Rosa Figueira Queiroz

Keywords: Black press, black movement, intellectuals.

Martha Rosa Figueira Queiroz é professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, coordena o ARÒYÉ – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educação para as Relações Étnico-raciais, Educação Patrimonial e Ensino de História. Doutora em História pela Universidade de Brasília, onde defendeu a tese Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995), em 2010. Sua dissertação de mestrado, Religiões Afro-Brasileiras do Recife: intelectuais, policiais e repressão, foi desenvolvida na Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

Fazer e pesquisar imprensa negra. A trajetória da historiadora Martha Rosa Figueira Queiroz, ao articular militância e atuação acadêmica, é feita da criação de possibilidades de leitura e de reelaboração da experiência de intelectuais negros e negras no Brasil das últimas décadas. Nesta entrevista, ela fala sobre os seus primeiros contatos com os jornais negros que circulavam nos meios negros de Recife e Olinda nos anos 1980, bem como reflete sobre o *Projeto Negritos – Imprensa negra no Recife e em Salvador*, dedicado à reunião, digitalização e divulgação de coleções de periódicos em sua maioria preservadas em arquivos particulares de ativistas do Movimento Negro.

Quando e como foram os seus primeiros contatos com a imprensa negra? O conceito de imprensa negra já estava consolidado no momento dessa aproximação?

Martha Rosa Figueira Queiroz (MRFQ) – Iniciei minha atuação no Movimento Negro (MN) do Recife em fins da década de 1980, tempos nos quais a formação política por meio de leituras sobre protagonismo negro na história do Brasil era parte fundamental na militância. Nas nossas reuniões semanais sempre discutíamos um tema, um texto. Por consequência, tive informação sobre o poeta Solano Trindade, a história do *apartheid*, li textos de Clóvis Moura e outros teóricos antes de entrar no curso de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi assim que conheci a história das organizações negras e seus jornais e da imprensa negra em geral. Olhando pelo retrovisor, penso que o conceito mais próximo naquele momento era da imprensa negra mais como um veículo de denúncia do racismo, mais um espaço de expressão da resistência negra, no caso, por meio da sistematização e da difusão de narrativas históricas próprias acerca de nossos cotidianos e de questões relevantes para a população negra. Além das referências bibliográficas, o contato foi consolidado por meio das leituras de jornais negros em circulação naquela época. A proximidade com jornais de algumas instituições aguçou o desejo da nossa organização, o Movimento Negro Unificado – Seção Pernambuco (MNU-PE), de também ter seu meio de comunicação. Um espaço para expressarmos nossas propostas, ideias e compreensões de mundo. Por esses caminhos,

começamos a edição do *Negritude*¹, em 1986. Em 1989, publicamos no *NegrAção*² uma matéria intitulada “Imprensa negra, instrumento de luta”, conclamando o público a colaborar para a manutenção do jornal.

Quais jornais foram decisivos para que você formasse um entendimento sobre o significado histórico da imprensa negra?

MRFQ – O primeiro jornal impresso que acessei foi o *Angola*³. Tive a oportunidade de atuar junto com Jorge Morais no Movimento Negro do Recife e manter diálogo constante com Edvaldo Ramos, editores desse jornal. Fui leitora das colunas deles no *Diário da Noite* e na *Folha de Pernambuco*. Ter um jornal produzido no Recife, abordando questões da umbanda e do candomblé foi importante para perceber que havia espaço para outros periódicos. A dupla que editava o jornal representava uma entidade, o Centro de Cultura Afro-Brasileira (CCAB), que tinha uma atuação muito tímida, mesmo assim se fazia presente no cenário político por meio do seu jornal. A lição que o *Angola* passava era que a produção de um jornal ampliava as possibilidades de inserção das organizações nos espaços de socialização negra. Sempre que tinha uma festa, um evento, um toque de candomblé, recepção a uma/um palestrante, lá estava o *Angola*. Também tínhamos acesso ao *Jornal Nêgo*⁴, do MNU-Bahia, grupo com o qual sempre tivemos contatos, pela proximidade geográfica, pela participação em fóruns regionais (como o Encontro de Negros do Norte e Nordeste), em fóruns nacionais (congressos do MNU) e pelas amizades construídas. Quando o *Nêgo* se transformou no jornal nacional do MNU, começamos também a ter participação com artigos e informes. Era muito gratificante pegar um jornal e ler temas que discutíamos cotidianamente, ver nossas posições políticas e assinaturas de pessoas conhecidas. As temáticas abordadas pelo *Jornal do MNU*, sempre com um

¹ Boletim informativo do Movimento Negro Unificado – Pernambuco, cuja primeira fase circulou entre 1986 e 1994, tendo sido editadas duas edições especiais ainda em 2000 e 2002.

² Boletim informativo do Afoxé Alafin Oyó, editado entre 1988 e 1991, tendo como diretoras de imprensa e redatoras principais: Alzenide Simões, Márcia Diniz, Martha Rosa, Mônica Oliveira e Olívia Pessoa, conforme informações registradas no expediente do periódico.

³ *Angola*, jornal dedicado à abordagem de questões associadas ao universo religioso de origem africana e afro-brasileira, vinculado ao Centro da Cultura Afro-Brasileira (CCAB), entidade fundada como uma alternativa ao fechamento da Frente Negra Pernambucana, após 1937. Circulou entre 1981 e 2007, com interrupções.

⁴ Em 1981, foi iniciada a publicação de *Nêgo – Boletim Informativo do MNU – Bahia*, em Salvador. Em 1986, o subtítulo passou a ser “Jornal Nacional do MNU”; e no ano seguinte veio uma nova atualização pelo o periódico recebeu o título de *Jornal do MNU*, com o qual chegou a 1996, conforme documentação consultada.

discurso incisivo contra o mito da democracia racial e contra quaisquer tipos de alinhamentos a pensamentos racistas, consolidaram em nós o anseio de fazer um jornal. Era isso que queríamos, um jornal nosso, com a nossa cara. Eu pensava, também temos muito a dizer. Deveríamos ter o nosso jornal! No início da década de 1980 não se tinha acesso aos jornais negros do começo do século XX. No entanto, a leitura de trechos dos jornais *A Voz da Raça* e *Quilombo* em trabalhos sobre a história da imprensa negra paulista, Frente Negra Brasileira (FNB) e Teatro Experimental do Negro (TEN) foi suficiente para dimensionar o valor dos periódicos. Através dos jornais, conheci os departamentos femininos das organizações negras, os concursos de beleza negra, as poesias e histórias de literatos e líderes negros. Lições que certamente reproduzimos um século depois.

Que questões te levaram a, além de fazer imprensa negra, pesquisar sobre imprensa negra? Em que medida é possível falar num diálogo entre esse outro objeto de estudo e suas pesquisas anteriores?

120

MRFQ – Durante a pesquisa para a tessitura da tese que abordou a participação político-cultural do movimento negro recifense, a imprensa negra foi uma fonte muito importante. Com objetivo de analisar a inserção do Movimento Negro na cena cultural recifense, o trabalho exigiu compreender as estratégias discursivas utilizadas pela militância para se consolidar como sujeito político. A pesquisa delineou que as mesmas marcas discursivas de exaltação de protagonismos negros, denúncia do mito da democracia racial, reivindicações por igualdade racial e fortalecimento do vínculo com o continente africano, entre outras, que identificavam a ação do Movimento Negro, atravessavam o carnaval por meio dos afoxés e blocos afro, no ritmo do ijexá e do samba-reggae. Foi na pesquisa sobre a imprensa negra que pude visualizar tais identidades e, a partir das leituras de Bakhtin e Rachel Soihet, localizar uma circularidade horizontal de sentidos, quando discursos produzidos por organizações negras não carnavalescas se materializam no carnaval na performance dos afoxés e blocos afro. A circularidade horizontal se deu exatamente nesse trânsito discursivo negro. Dessa forma, a vinculação da pesquisa com a imprensa negra está plenamente alinhada com pesquisas anteriores, a exemplo da desenvolvida no mestrado, quando abordei o papel do Serviço de Higiene Mental (SHM) na consolidação de uma ideia do candomblé como produtor de doenças mentais. Já naquele momento entendi que o campo discursivo era lócus basilar para a luta racial. Ao

identificar alinhamento entre os discursos dos pesquisadores do SHM, que se muniam de informações sobre os terreiros para, caso fosse necessário, no entendimento deles, realizar o que denominaram “intervenção profilática”, as matérias jornalísticas sobre a repressão policial aos terreiros no Recife e a efetiva intervenção da polícia, pude perceber, conforme aponta Chartier, que as práticas discursivas são realmente ordenadoras de atos em diversos campos. Isso porque os três agentes sociais alicerçavam suas ações nas mesmas ideias inferiorizantes que estigmatizam a cultura e a própria população negra. Assim, no doutorado, quis compreender como a comunidade negra constrói os discursos que fundamentam seus atos antirracistas. Nada melhor para encontrar esses discursos do que analisar as páginas da imprensa negra. Os jornais apresentam uma multiplicidade de perspectivas, fundamental para conhecer as ações da resistência negra contemporânea, meu campo de pesquisa no mestrado e doutorado.

O destaque dado aos jornais paulistas da primeira metade do século XX acabou suscitando uma série de impressões equivocadas. Por exemplo, sabemos hoje sobre várias iniciativas de imprensa negra no Brasil ainda no século XIX. Entre esses jornais pioneiros está *O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social*, publicado em Recife, em 1876, apresentando um explícito discurso abolicionista e em defesa do respeito à cidadania dos chamados “homens de cor”. Que outros debates e tensionamentos podem ser acessados nos jornais negros pernambucanos dos séculos XX e até XXI? Que pessoas e organizações podem ser acompanhadas por meio dessa documentação?

MRFQ – Os jornais recifenses foram fiéis espelhos das áreas de interesses e posicionamentos da militância negra. As pautas dos jornais eram as pautas da militância antirracista. Portanto, encontramos debates em torno da intolerância religiosa, do combate ao Apartheid, da denúncia do mito da democracia racial, do descaso do Estado com as organizações e eventos da comunidade negra, da folclorização das manifestações artísticas, culturais e religiosas negras, da situação das mulheres negras, da violência policial. Logo, por esses posicionamentos, é possível acompanhar a atuação das organizações negras, primeiro das promotoras dos jornais, no caso o MNU-PE, O Afoxé Alafin Oyó, o Centro de Cultura Afro-Brasileira (CCAB) e o Djumbay, e segundo de toda a cena negra do momento. Pelas páginas dos jornais, é possível acessar leituras da história de pessoas negras de destaque em diferentes áreas, desde o período colonial até a

atualidade, como também de ícones negros africanos e da diáspora negra. Quanto às pessoas vivas, os jornais ressaltam a trajetória de políticos, artistas, intelectuais negros. Ao mesmo tempo, também é possível distinguir as pessoas responsáveis pela escrita dos textos, ilustrações, revisões, fotografia e apoiadores diversos. Essa distinção é importante para visibilizar talentos nessas áreas que, talvez, não tivessem espaços em outros meios de comunicação. Os ricos debates que precediam a escolha de cada edição funcionavam como verdadeiros laboratórios para amadurecimento de habilidades e formação política.

Atualmente, seus esforços estão direcionados ao projeto *Negritos: Imprensa Negra no Recife e em Salvador*, que prioriza a digitalização de jornais publicados a partir da década de 1980 nessas duas capitais. Como esse trabalho tem sido desenvolvido? O projeto conta com que tipo de apoio ou financiamento? Qual a importância dos acervos particulares mantidos por ativistas para a formação da coleção? Como, e movidas por quê, essas pessoas têm preservado essas fontes? Até o momento, quais são os jornais que compõem o acervo? Como será a política de acesso a esses jornais digitalizados?

122

MRFQ – O *Projeto Negritos – Imprensa negra no Recife e em Salvador* é um desejo antigo. Já em 2008 concorri a um edital para realizar um vídeodocumentário sobre a imprensa negra, também intitulado *Negritos*. Sem recursos, não foi possível realizar o material audiovisual, mas o desejo se manteve. Em 2016 o projeto foi contemplado pelo edital Rumos Itaú Cultural, com foco na digitalização de cinco periódicos recifenses (*Angola, Negritude, Negração e Djumbay*) e o *Jornal do MNU* (que começou como *Nêgo – Jornal do MNU-Bahia*) – daí porque a referência à cidade de Salvador. O projeto está sendo realizado com colaboradoras e colaboradores que realizam o levantamento e o fichamento dos jornais, cuidam da higienização e recuperação, quando necessário, e fazem a digitalização. O resultado da pesquisa será disponibilizado em um site eletrônico de livre acesso ao público. Além do acervo dos jornais citados, será liberado o acesso a entrevistas realizadas com guardiões da memória, fazendo referência à expressão utilizada por Ângela de Castro Gomes. Trata-se de pessoas que além de participarem dos jornais, conservaram exemplares em suas casas e em suas lembranças. Nesse sentido, nesta primeira etapa, destaco Inaldete Pinheiro de Andrade e Ana Célia da Silva como guardiãs da memória. Inaldete Andrade é fundadora do Movimento Negro no Recife e acompanhou toda a trajetória da imprensa negra local, tendo artigos publicados em vários

periódicos. Ana Celia da Silva, uma das fundadoras do MNU-Bahia, escreveu para o *Jornal do MNU* e conservou a coleção do jornal praticamente completa. Além delas, outras entrevistadas que participaram nos jornais também ofereceram suas memórias para compor o projeto. Assim, entrevistei integrantes dos jornais *NegrAção*, *Negritude*, *Omnira* e *Djumbay*. A questão da guarda dos jornais foi a mais difícil. Mudanças de residências e conservação inadequada levaram à perda e à deterioração de muitos exemplares. Mas, sem os acervos pessoais, seria impossível efetivar o projeto, pois as instituições públicas (bibliotecas, museus, arquivos) não costumam ter uma política de preservação das diferentes memórias que compõem o país. As pessoas guardam esses jornais, como eu o faço, como parte de um tempo de suas vidas. Como uma foto de família, como um registro de uma atuação pública. Normalmente, os jornais remetem a um tempo áureo da militância. Momentos de ricos debates, muitos encontros e produções. As entrevistas reforçaram esse vínculo afetivo. Cada matéria, cada foto, cada assinatura nos textos traz lembranças, reflexões, alegrias, afetos. Os jornais, de fato, figuram como “espaço de memória”, como síntese de uma época, de um pensar.

Pensando em avanços, limitações e potencialidades, qual a sua avaliação sobre os estudos históricos sobre a imprensa negra no Brasil, bem como sobre as intelectualidades negras por ela responsável?

123

MRFQ – Desde os primeiros textos a que acessei – Roger Bastide, Miriam Ferreira, Clóvis Moura – até o momento, houve muitos avanços. Destaco os trabalhos que focam aspectos específicos da imprensa negra, como presença da temática educação, a crítica social, cidadania, mulher, África, nos jornais. Foco também em estudos concentrados em um único periódico, e o ganho de conhecer a imprensa negra do século XIX. Ainda há predominância dos estudos para a região Sudeste, mais enfaticamente São Paulo. O Sul vem em seguida, com alguns estudos, e há pouquíssimos estudos para as regiões Norte e Nordeste. É grande o potencial da pesquisa com a imprensa negra. Um fruto que já estamos colhendo é a ampliação do nosso conhecimento acerca de intelectuais negras e negros que integraram os periódicos. Por outro lado, o uso da imprensa como material didático é uma área em que objetivo investir. Tenho tido boas experiências em apresentar temas e conjunturas a partir das percepções negras registradas nos jornais. Uma alegria é perceber a qualidade analítica dos periódicos, refletindo como o Movimento Negro estava atento às questões centrais do país e do mundo, posicionando-se a partir de uma

perspectiva antirracista. Uma tristeza é constatar a permanência ainda hoje de pautas do final do século XIX, só para ficar com os jornais que pesquiso, como é o caso da luta contra a violência policial, o genocídio da juventude negra, o papel da imprensa hegemônica na manutenção do racismo e o descaso do sistema educacional para com os conhecimentos produzidos pelas comunidades negras, a despeito dos avanços produzidos pela Lei n. 10.639/2003. Ler os jornais negros nos dá a certeza de que não podemos parar de lutar, pois a guerra contra o racismo ainda não foi vencida.

Referências bibliográficas

- QUEIROZ, Martha Rosa F. (2011). Do Angola ao Djumbay: imprensa negra recifense. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* (UFU. Impresso), vol. 24, pp. 531-554, 2011.
- ____ & LEITE JUNIOR, Lindivaldo O. (Orgs.) (2014). *Caderno de Diálogo: Plano Setorial para a Cultura Afro-Brasileira*. Brasília: Fundação Palmares.
- ____ (2017). O Maracatu-nação do Recife: ardis de produção da memória. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães; DECHEN, Chaia & FERNANDES, Jaqueline. (Org.). *Griôs da Diáspora*. Griôs Produções, 2017.
- ____ (2012). Inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas de Salvador: relato de uma experiência. In: LIMA, Maria Nazaré Mota de. (Org.). *Escola Plural. A diversidade está na sala*. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- ____ (2013). Negritude e afox;s: um movimento no passo do ijexá. In: BRITO, Eleonora Zicari C.; PACHECO, Mateus de Andrade & ROSA, Rafael. (Org.). *Sinfonia em prosa*. Diálogos da História com a Música. 1ed.São Paulo: Editora Intermeios.

Entrevista realizada em 27 de junho de 2018.

Aceita em 01 de julho de 2018.

DOI:10.12957/intellectus.2018.36016